

A PACOTILHA

SUL CUIDUE TRIBUERE.



CORTE.

Um anno.	14.000
Seis meses.	7.000
Tres meses.	3.500

N.30.
ANNO I.

PROVINCIAS.

Um anno.	14.000
Seis meses.	7.000
Avulso	300 re.



Dia de Finados.

O Brasil chora hoje por tão queridos filhos que succumbiram em sua defesa.

A PACOTILHA

NOVIDADES DA SEMANA.

TANTO mais turbida murmura a ventania, tanto mais cresce o temporal. O céo é negro, as frondes altivas dos pinheiros e os leques das palmeiras agitam-se, estalam sob o noto que tombando dos visos das montanhas vai arrancando arrazando e destruindo os ornamentos dos bosques e enchendo as mattas de mestico somido.

O estado do Brasil é assim. De todos os lados a tempestade, a descrença, a desconfiança, a lethargia e o marasmo.

O povo, que fora capaz de tantos sacrificios, gera exhausto de forças e que é mais... de crença. A campanha do Sul que elle empregou com hombridade de animo e valentia, transformou-se em um matadouro, graças a incuria de uns, o desmazelo de outros, a inopia e os erros de todos.

Nas provincias reina uma discordia immensa: não ha entre elles um pensamento fixo; preparam-se para as eleições, — o instrumento mais habil de corrupção e infortunio. Graças ás eleições, os nossos soldados, autoridades e povo tinham entibiado o espirito e afeito-se ás pequenas luctas, onde nada se ganha e tudo se perde.

O nosso commercio, a nossa lavoura, as nossas artes, emsim tudo quanto havemos de nosso, desanda, atraza-se. E não ha providencias, nem cautelio.

E quando o povo sente-se abalado em suas convicções, e quando o governo não lhe empresta a força moral, urge um movimento que tenha por alvo, por fim, por meio, o bem-estar. Então ou o movimento nasce de baixo para cima e chama-se revolução popular, ou vem de cima para baixo e denomina-se revolução imperial.

Na verdade, o unico palladio que havemos, é o Imperador. E' nelle que se fitam todas as vistas, é nelle que de todos os angulos do imperio confiam seus subditos, seus subditos reverentes e leaes.

E o imperador, herdeiro de uma gloria que nos é santa, e o imperador, o cidadão patriota, o pai desvelado, o defensor generoso, sem odios, sem mao animo, é hoje o unico que pode inocular nova marcha em nossos negocios. Venha delle a revolução, e abaixo os planos meticulosos da politica e abaixo as negras insidias dos que vivem pela barriga do Estado.

**

Ferve por ahí a concurrenceia ao templo da exposição. Melhor para nós que assim seja, melhor sim, porque aquillo é um estímulo, uma conquista senão um triumpho.

A companhia dos *Quadros Vivos* não dá alarma de si. Annuncia-se uma outra que promette mundos e fundos. Esperemos pela volta.

O Gymnasio veste-se de novo para levar ao palco o *Actor*. Os jornacs gemem e dos prelos saiu um *conversaço preambular*, que tendo a explicar o enredo, a ideia do *Amor da arte*, que divide-se em *Actor* e *Actriz*.

As grandes despesas de scenario, as grandes publicações, o grande ruido que se ouve, o grande palavrorio que se escuta dizem que o drama tem por força alguma cousa de admiravel. Esperemos pela obra: actualmente a descrença seccou-nos o espirito e estamos como Sto. Thomé: queremos ver para crer.

O Vasques representou em seu beneficio uma scena, o *Diabo no Rio de Janeiro*, que se tem repetido mais vezes. Gostámos da scena em sua integra, e não como actualmente se acha, que está toda cortada, segundo dizem, por ordem da policia. E querem saber os pedaços cortados?... pois são os melhores... os que accusam os peculatos, os barrigudos, as tricas e a volubilidade de nossos *politicões*.

Infelizmente entre nós o *Conservatorio Dramatico* é a policia.

**

Nada mais nos cheira a novidades. E se os leitores quizerem cousa melhor, procurem uma casa de barbeiro, uma taverna ou o Carceller e orelhas estendidas e ha de ouvir prodigios e maravilhas.

ROMANCETE.

Os postigos.

(Continuação).

D. Angelica fazia-se de mil cores, uma hora estava pallida, pallida como um desfuneto, outr' ora vermelha como um camarão cosido.

Seus olhos lançavam fogo, os labios tinham perdido sua cor natural e tornavam-se roxos, roxos como uma bringella: tremia a bom tremer, rangia os dentes como uma damnada, fallava com as mãos, com os pés, com a cabeca, ati com o leque que já estava quasi em pedaços; o suor cahia-lhe immensamente por o rosto, e ao passo que ia limpando-se o lenço tomava uma cor preta, porque ella desesperada como estava, limpava tambem a cabeça que era um deposito de *gostmetique* preto.

D. Angelica estava horrível, tinha perdido sem dúvida nenhuma o juízo, a julgar por as ideias que desencontravam-se.

Furiosa assim, disseram os faias da panthera em busca de sangue para alimentar-se.

As moças com os lenços na boca abafavam risadas que altas podiam enfurecer mais a illustre desesperada, os rapazes caprichavam em dirigir-lhe dictos cada um mais gaiato e espirituoso; Euphemia que por um instante sentira-se envergonhada, ria-se também à vista da loucura e porção de despeito que ia naquelle coração já caduco.

O Dr. Paulo com aquelle cynismo que caracterisa sempre aos pobres de espírito; elle materialista até a essência, que com o maior indiferentismo do mundo contemplava aquella jocosa comédia; diz com um riso de escarneo, este riso que só homens daquella tempera sabem produzir.

— Ah! Moliere! Moliere! quanto não darias naquelle tempo por uma personagem como esta para uma de tuas comedias; apontando para D. Angelica.

Ella mais furiosa ainda, no mesmo dia-pazão:

— Elle teria necessidade também de um cynico, um incivil, um parasita, um...

— Senhora, não continue e então estarei perdido, V. Exa. é uma tola, uma enfatuada, uma velha que aos 50 anos quer ainda ter um amante; aos posticos vos outras deviam mandar levantar um monumento na praça das gaiteiras.

Velha! gaiteira! que atrevido! ai, ai, quem me acode, socorro e cai sobre a cadeira com um ataque furioso.

Dr. Paulo tranquilamente vai sentar-se em uma cadeira que estava junto ao piano, dizendo estas palavras:

— Fingimento, fingimento, as velhas quando dão para namorar, e pôr também o seu balão costumam ter destes fanequitos.

João Paulino que até aqui tinha se conservado mudo no gabinete, envergonhado por tão escandalosa comédia, aparece então porque a sua presença agora era uma necessidade.

Attonito, e confuso sem saber o que fazer, ora esfregando as mãos, ora puxando os cabelos, toma a final uma resolução; chama Euphemia que convida algumas amigas e conduzem D. Angelica para o gabinete.

Depois disto, o pai de Euphemia, tremulo de raiva e de vergonha, de raiva por não aparecer o seu desejado *Anastacio*, de vergonha por se ter dado aquele escândalo logo nesta noite que era a noite de encantos, de regozijos para elle; dirige-se ao Dr. Paulo e arrancando d'alma um fundo suspiro diz:

— Doutor, nunca pensei que V. S. abusasse tanto de minha bondade como de meus convidados.

— Como Sr. João Paulino?... responde o doutor com este espanto que não diz bem em uma fronte como a dele.

— Eu não tive intenção de offendê-lo, nem trazer o escândalo a vossa festa; D. Angelica é...

— Muito ciumenta, o doutor deve-lhe ser grata, porque ella além de ser sua amante, é quasi sua mãe, porque alimenta todos os seus caprichos, o sustenta finalmente.

O Dr. Paulo extrema e pallido como um defunto, não quer mais ouvir a João Paulino e encaminha-se para janella, enquanto o pai de Euphemia vai conversar com o commendador Moraes que entra na ocasião.

AIX.

(Continua).

Offenbach e Furtado Coocho.

Desde a orquestração basta nos detalhes e modulos espontâneos, imprevistos para atingir a cadencia ultima de Méhul ate Coccia, Generali, Vaccei, Paccini e Donizetti aparece Rossini.

Dante, Rossini e Malibran, harmonia da arte italiana, exclama Blaze de Bury. E de facto, o poeta, o maestro e a *prima-dona* revelam a pujança da idéa, do talento; dizem o colorido da palavra, e do som, a magia da letra, da musica e da voz.

Rossini é o Lamartine da musica. A sua melodia participa da melancolia de Bellini, do genio de Mozart e da phantasia romântica de Weber. O seu *Stabat*, onde a critica acha encantamento de melodia e estylo, suavidade doce e calma, unção divinamente humana, o seu *Stabat* que do autor dos *Muziciens contemporains* vingou arroubos de extremado transporte e que abala d'entro d'ânsa todas as fibras e que electriza e seduz e prende e inunda o espírito de um jubilo que se sente, mas que a palavra não explica, é a corda de glórias de Rossini. E no entretanto em Pariz Rossini caiu na opinião pública. Ergueu-se um rival—é Offenbach.

Os *crescendo*, as *appoggiature*, os trios, as arias uniformes de Rossini—eis o seu crime. O ruido da instrumentação matando o canto, a apropriação das idéias dos outros—eis as circunstâncias agravantes de seu crime. E esquecem-se do *Othello*, do *Tauredo*, onde a Pasta cantava *Di tanti palpiti?*... onde Pisaroni, Sontag e Malibran colherão tão e tantos aplausos.

E o que é feito de Auber, o poeta da musica viva, engenhosa, dócil e elegante? O que é feito daquelle que acima de Iléold e Boieldieu significava a expressão legítima da musica franceza? Auber com sua imaginação



O anjo da meia noite do Campo de Sant'Anna.

-- A lavadeira, tipo conhecido da Camara Municipal.

— Senhor, à vossa caridade estende a mão um bravo da patria.

— Camarada, aqui tendes ; sinto do coração que a patria pague assim a quem a serve.



O Rio de Janeiro ás avessas.



As gallinhas roubam os homens, o cavallo governa o tilbury, dorme o urbano e o cão dá bola ao guarda fiscal, o propheta dorme, os cavallos accendem os lampeões e os cães namoram a lua e os homens latem aos cães.



Dois epochs da vida.

— Hontem a natureza e portanto velha e feia ;
hoje — os posticos e portanto formosa, moça e
linda

— D'onde vens tão estupefacto e attonito ?

— Venho da exposição, onde vi um bosque tão
bello e com tantos animaes que fiquei com vontade
de lá ficar ; é tão bom viver-se entre animaes.



— FILHO : Vou a exposição com minha mãe.
— PAI : Com o teu cabello e com a cara de tua
mãe, correm risco de lá ficarem.
— FILHO : E o nariz de meu pai também não é
original ?

— VISINHA : O que fará o vizinho em seu quarto
à estas horas ?

— VIZINHO : O que fará a vizinha ? Está no
banho ? Temára que sim !

cheia de motivos, com sua harmonia limpida como os olhos azuis de uma alemã, sempre elegante na instrumentação, sempre original em suas canções, também caiu.

E o que é feito de Spontini? O homem da *La Vestale* que colheu um triunfo sem exemplos nos anões da ópera no dizer de Blaze de Bury, o meio termo entre o racionalismo musical de Gluck e o idealismo de Mozart.

Tudo caiu e ergueram-se Offenbach.

Livrons aux vivants la plus large place, mais ne bannissons pas les morts glorieux, escreveu Blaze de Bury.

Offenbach, com o *Orphee aux enfers*, revelou a exquisição de seu talento. Ali tudo é original, novo, gracioso, diverso, multicôr, ha movimento, colorido, volubilidade. *Le Mariage aux lanternes*, *Les georgiennes*, *Les Bavards*, *Daphnis et Chloé* e muitas outras óperas e óperetas do mesmo autor mostrão igual predileção, embora às vezes a symphonia pise e repise os mesmos tons, as mesmas notas. *La Belle Hélène*, que não é o melhor parte de Offenbach, tem volutas e arias de uma originalidade fecunda e vivaz, os córos são cheios e faccios e brilhantes.

Offenbach é o mestre da moda. O mundo o quer, o diz, o aplaude, o imprime e assim seja e assim queira-se e assim execute-se. A ópera *Barbe Bleue* faz ruído e o merece sem dúvida. Ali ha tudo quanto é preciso para uma ópera buffa e em si, quanto à forma, é um indicio claro da musica francesa.

A musica francesa é o rouxinol, a musica italiana é o cysne, disse-o um grande crítico. O cysne tem em sua voz um ineffável accento de melancolia e amor, uma inspiração sem igual, uma nota divina que abala e commove toda a natureza, mas esta nota exhala-se uma só vez, não volta e passa. O rouxinol, ao contrario, recomeça cada noite, às mesmas horas, na mesma folhagem. O rouxinol não canta como o cysne e no entretanto estremecemos em maio, quando esta voz de noites melodiosas desperta de repente. Que sonora vibração! que timbre! que viva canção que recomeça sem cessar.

Offenbach é como o rouxinol — fonte inexgotável de espirito, de canto, de harmonia. Mas Cunaroza, Beethoven tem mais genio, mas Auber e Spontini tem mais encanto mais seiva, mais genio.

Offenbach porém é de hoje. Louvares pois a elle, segundo a opinião publica e a moda. Nós repetiremos o dito de Blaze de Bury: *Livrons aux vivants la plus large place, mais ne bannissons pas les morts glorieux*.

...

Sahio a lume um opusculo: *Conversação preambular*, escripta por Furtado Coelho a propos da sua composição

dramatica: *Amor da arte*, actualmente em ensaios no Theatro *Gymnasio*.

O auctor explica o seu trabalho em phrase tersa e pura. Diz elle: « No meu escripto não se conta apenas um facto, não se narra uma historia, não se romantisa um determinado artista, muitas vezes ou quasi sempre em detrimento da dignidade da sua classe. Não. — No meu trabalho discute-se uma idéa, fulmina-se um preconceito e eleva-se um principio. — Não se fala de um actor, mas de todos os actores: de um theatro, mas de todos os theatros; de um individuo, mas de todos os individuos. »

É na execução de tais idéas, Furtado Coelho continua: « O fim da minha obra, tão diferente das que por lado nenhum se aproximam do assumpto em questão —, o fim da minha obra, repito, é a rehabilitação do actor em face da sociedade. E' dizer aos artistas meus collegas. — « A nossa arte é uma arte sublime! Sede dignos della, sendo honestos, honrados e estudiosos » E' dizer a sociedade: — « Elles o são: respeitai-os considerai-os, porque os que o não são ainda, sel-o lá, vol-o juro, desde o momento em que certas paginas da minha obra lhes conquistarem no theatro uma lagrima... »

Vê-se pois que o fundo do *Amor da Arte* é de uma substancia fecunda basta e que deve extremar princípios de uma moral á toda a prova. Regenerar-se o artista abrindo lhe um lugar na sociedade, fazer com que aquele que como actor nos vale aplausos, nos encanta, nos provoca sensações que nunca experimentámos também nos valha muito como homem, como cidadão — eis a these; inerpar os desmandos, os desvarios do actor, castigar os preconceitos da sociedade — eis os meios.

Sem dúvida alguma a these é original e grande, não é uma legenda, um episodio, um escândalo como *Kean*, *Adriana Lecouvreur*, *Sullivan*. A vida de uma actriz e outros, é a arte tomada abstracta, comparada com a sociedade, vivendo com ella, aliando-se com a moral, escarnecedo do erro, servindo-se o bello e proclamando o ideal christão que se manifesta no justo, no verdadeiro e no bom — trindade da belleza que só o christianismo produziria!

A forma do *Amor da Arte* qual devia ser? Um livro, um poema, um tractado, uma ode, uma these filosófica, uma historia, um romance? Não. O auctor elegera o drama e houve razão. Pesou-lhe n'alma « a consideração muito valiosa de tractar-se do theatro no proprio theatro, de falar do palco sobre o mesmo palco, e de levar muitos dos artistas a ser, além de expectadores, interlocutores na acção que é toda d'elles, toda para elles, toda por causa d'elles e por bem d'elles. »

Pelo que fica dito colhe-se que a platea, como os expectadores dos circos, tem uma só missão: ver. A lucta está no palco. E no palco ha preconceitos sociaes,

obreiros do progresso pela industria, pelas revoluções sociaes, pelas letras, pela arte, ha os prototypos das crapulas sociaes, dos parasitas, ha o povo « sincero e futil, inconsciente do bem que faz, » ha a mocidade inexperiente e tres mulheres diversas ; a mulher—anjo : — o anjo mulher ; — a mulher — satanaz — triplice ideal de perfume e flores e perigos, de innocencia e resignação e males, de virgindade, amor e miseria : Amélia a « emanação celeste, com os pés na terra e a mente nas vagas regiões dos sonhos impossiveis. » Adelina, o « typo da casta innocencia quando donzella, e da extrema dedicação quando esposa ; « a Baroneza da Cidreira « o typo synthetico da depravação. »

Aguardemos pois o drama, conhecemol-o pelos lineamentos, advinhamos de nós para nós oclaro escuro, o colorido, a luz, mas falta-nos saber da perspectiva, da magia dos grupos, da perspicuidade do estylo. Aguardemos pois.

..

Assim como o Alcazar enfeitou-se todo por causa do *Barbe Bleue*, apresentando um *mise en-scene* prodigioso, vestuario á caracter, assim tambem o Gymnasio se elegantisa para receber o *Amor da Arte*. E faz bem. O *Amor da Arte* como o *Barbe Bleue* são fructos de arvores bastas de seiva e portanto merecem benevolo agasalhado.

Offenbach é o rei de Pariz. A sua musica corre pelos *boulevards*, é cantada, assobiada, applaudida. Furtado Coelho está hoje no Rio de Janeiro como um outro Offenbach — porque está fazendo barulho : todos fallam n'elle, no seu drama, e o esperam, e o aguardam.

Buona sera, signore leitor. Acabou-se o assumpto.

M. MAJOR.

Meu amigo.

O trabalho, em o qual me acho actualmente ocupado, não deixou-me tempo para escrever a minha terceira carta, porém, lendo o *Diario do Rio*, de 31 de Outubro logo nas primeiras linhas da primeira pagina, surpreendeu-me e por isso transcrevo o seguinte do mesmo *Diario* :

« Se fosse apenas isso, a questão seria menos grave ; acontece, porém, que a esquadra austriaca já se achava nas aguas de Creta, e que os Estados Unidos, depois de mandarem para lá tres navios, deu ordem á sua esquadra no Baltic para ir ter ás mesmas aguas. A probabilidade de uma intervenção dos Estados Unidos causava grande especativa na Europa, e era esse o ponto mais

grave da questão, porque essa intervenção seria nada menos que um contraste aos interesses das potencias occidentaes. A França e a Inglaterra iam mandar para lá forças navaes. Já no archipelago fluctuava igualmente o pavilhão russo. »

Qual é, meu amigo, o sujeito do infinito pessoal *mandarem*? Não pôde ser Estados Unidos, porque a oração do infinito pessoal péde sujeito proprio diferente do sujeito da oração por ella modificada, e qual será o sujeito do verbo — *deu*? Certamente — Estados Unidos — tomado conforme as regras grammaticaes.

Nas ultimas linhas escreveu o digno e ilustrado redactor — *mandar*, e qual o motivo que o obrigou a isso, pois devia ser — *mandarem*, conforme o seu gosto e costume.

Oh ! que confusão e desordem !!

Agora, meu amigo, diz a mesma folha :

Café. — « Venderam-se 23,000 saccas. »

Esta é a forma passiva dos verbos da nossa lingua, pois, como sabemos, não temos verbos passivos. O *venderam-se* é erro crasso pois o-se — é *indefinito* aqui.

Basta estas observações, pois, nas minhas cartas anteriores, demonstrei o emprego do infinito pessoal dos verbos e do pronome indefinito — se, na forma passiva dos nossos verbos. Adeus.

J. L. SOUZA BRAGA.

Soneto.

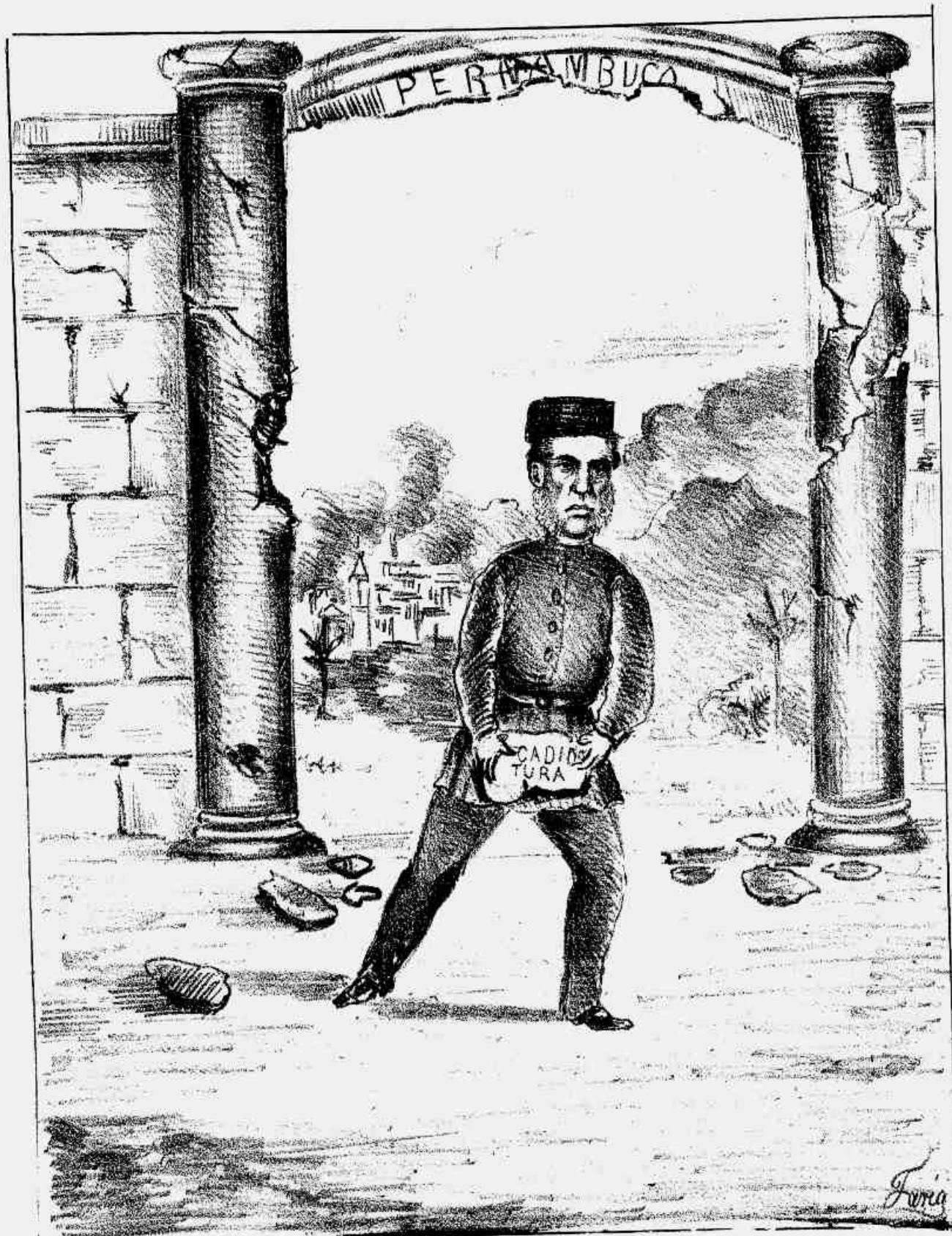
Balancava-se *Sinha*, sorrindo á brisa
Que fluctuava-lhe o lourissimo cabello,
E voando a saia um lindo tornozello
Eu vi por entre as rendas da camisa...

Vem mais forte o tufão... mais se divisa
A meus olhos que começam a arder em zelo,
E eu vejo, oh ! meu Deus, oh ! que modello
De perna torcada, grossa e lisa !

E *sinhá* sem notar-me, bem contente,
Na copada larangeira balanceia,
Quando o acaso surge de repente,

Fatal espinho rompe a linda meia,
E mostrou-me, oh ! meu Deus, oh ! que incidente!...
Os trapos de que estava a perna cheia.

Benjamin Labottière.



Um urbano artista, tendo em fito sua gloria, pretende amparar um edificio que cahe